sem medo do destino

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

Para a minha mãe,
a quem agradeço pelo encorajamento
para contar esta história.

CAPÍTULO UM

Quinze de agosto era mais um dia de suor e céu enublado. Não havia nuvens brancas e fofas, nem brisas refrescantes, apenas uma parede de humidade tão densa que quase se conseguia nadar dentro dela.

Os noticiários das seis e das onze horas prometiam sombriamente que o pior estava para vir. Nos longos dias ociosos de final de verão, a onda de calor, que ia já na sua segunda semana impiedosa, era o assunto mais importante em Washington, D.C.

O Senado tinha encerrado funções até setembro, por isso a Colina do Capitólio apresentava muito pouco movimento. Sem a azáfama diária dos políticos, Washington era uma cidade de turistas e vendedores ambulantes. Em frente do Smithsonian, um mimo atuava para uma multidão pegajosa que tinha parado mais para recuperar o fôlego do que para apreciar a arte. Bonitos vestidos de verão pendiam murchamente e crianças choramingavam por gelados.

Jovens e velhos reuniam-se no Rock Creek Park, usando as sombras e a água como defesa contra o calor. Refrigerantes e limonada eram consumidos aos litros; cerveja e vinho eram bebidos na mesma quantidade, mas menos conspicuamente. As garrafas tinham uma habilidade para desaparecerem quando a polícia do parque passava. Nos piqueniques e churrascos, as pessoas limpavam o suor, queimavam cachorros-quentes e vigiavam bebés de fralda que se passeavam sobre a relva. Mães gritavam aos filhos para se afastarem da água, para não correrem perto da estrada, para pousarem um pau, ou uma pedra. A música dos rádios portáteis era, como habitualmente, alta e desafiadora; os DJ chamavam-lhes faixas escaldantes e anunciavam temperaturas perto dos quarenta graus.

Pequenos grupos de estudantes juntavam-se, alguns sentados nas rochas acima da enseada para discutirem o destino do mundo, outros estendidos na relva, mais interessados no destino dos seus bronzeados. Os que tinham tempo e gasolina haviam ido para a praia ou para as montanhas. Alguns estudantes universitários tinham ainda energia para lançarem discos voadores, os rapazes envergando apenas calções para exibirem os seus torsos uniformemente bronzeados.

Uma bonita artista jovem estava sentada debaixo de uma árvore a desenhar despreocupadamente. Após várias tentativas para atrair a atenção dela para os bíceps que andava a trabalhar há seis meses, um dos jogadores fez um lançamento bastante óbvio. O disco voador aterrou no colo dela com um chape. Quando ela levantou os olhos com irritação, ele aproximou-se a correr. O sorriso dele era apologético e, esperava ele, calculado para deslumbrar.

— Desculpa. Escapou-me.

Depois de desviar uma madeixa de cabelo escuro para trás do ombro, a artista devolveu-lhe o disco voador. — Não tem importância. — Depois voltou ao desenho sem lhe dirigir um segundo olhar.

A juventude é, acima de tudo, tenaz. Ele agachou-se ao lado dela e observou-a atentamente a desenhar. O que ele sabia sobre arte não encheria um copinho de *shot*, mas valia a pena tentar. — Eh, isso é mesmo bom. Onde andas a estudar?

Reconhecendo o truque, ela começou a empurrá-lo, mas levantou os olhos por tempo suficiente para reparar no sorriso dele. Ele podia ser óbvio, mas era também engraçadinho. — Georgetown.

— A sério?! Eu também. Em preparação para o curso de Direito.

Impaciente, o colega gritou-lhe: — Rod! Vamos beber uma cerveja ou não?

— Costumas vir para aqui? — perguntou Rod, ignorando o amigo. A artista tinha os maiores olhos castanhos que ele já vira.

— De vez em quando.

— E se nós…

— Rod, vá lá! Vamos à cerveja.

Rod olhou para o amigo suado e ligeiramente obeso e de novo para os frios olhos castanhos da artista. Não havia comparação. — Encontramo-nos mais tarde, Pete! — gritou ele, lançando de seguida o disco voador num elevado arco descuidado.

— Já acabaste de jogar? — perguntou a artista, observando o voo do disco.

Ele sorriu abertamente e tocou nas pontas do cabelo. — Depende.

A praguejar, Pete começou a correr atrás do disco. Tinha acabado de

pagar seis dólares por ele. Depois de quase tropeçar num cão, desceu atrapalhadamente uma encosta na esperança de que o disco voador não aterrasse na enseada. Tinha pagado muito mais pelas sandálias de couro. O disco voou em círculos em direção ao mar, fazendo-o dizer palavrões em voz alta, depois embateu numa árvore e acabou por cair nuns arbustos. A escorrer suor e a pensar na *Moosehead* que estava à sua espera, Pete abriu caminho por entre os ramos.

O coração parou-lhe por um instante e de seguida bombeou-lhe o sangue para a cabeça. Antes de conseguir ar suficiente para gritar, vomitou violentamente o almoço de *Fritos* e dois cachorros-quentes.

O disco voador tinha aterrado a meio metro da beira da enseada. Jazia novo, vermelho e alegre sobre uma mão fria e branca que parecia estar a devolver-lho.

A mão pertencia a Carla Johnson, uma estudante de arte dramática e empregada de mesa em *part-time*. Doze a quinze horas antes, tinha sido estrangulada com o amicto de um padre. Branco, debruado a ouro.

O detetive Ben Paris estava curvado sobre a sua mesa, depois de ter concluído o relatório escrito sobre o homicídio Johnson. Tinha datilografado os factos, usando dois dedos numa máquina de escrever antiga. Relembrava-os agora. Não tinha havido abuso sexual, nem roubo aparente. A carteira fora encontrada debaixo do corpo, com vinte e três dólares e setenta e seis centavos e um cartão de crédito no interior. Um anel de opala, que poderia ter sido empenhado por cerca de cinquenta dólares, estava ainda no dedo. Não havia motivo, não havia suspeitos. Nada.

Ben e o parceiro tinham passado a tarde a entrevistar a família da vítima. Uma tarefa desagradável, pensou. Necessária, mas desagradável.

Tinham arrancado sempre as mesmas respostas. Carla queria ser atriz. A sua vida tinham sido os estudos. Tinha saído com alguns rapazes, mas nada de sério; estivera demasiado dedicada a uma ambição que acabaria por nunca concretizar.

Ben passou de novo os olhos pelo relatório e fixou-os na arma do crime. A sobreveste do padre. Tinham encontrado um bilhete preso ao pano branco. Ele próprio, horas antes, havia-se ajoelhado ao lado da rapariga para o ler.

Está absolvida dos seus pecados.

— Ámen — murmurou Ben, e soltou um longo suspiro.

…

Passava da uma da manhã da segunda semana de setembro quando Barbara Clayton atravessou o relvado da Catedral de Washington. A temperatura apresentava-se amena, as estrelas brilhantes, mas ela não estava com disposição para apreciar essas coisas. Enquanto caminhava, resmungava mal-humoradamente. Na manhã seguinte ia dar um puxão de orelhas ao mecânico cara de fuinha. Tinha reparado a transmissão, que estava como nova. Que traste! Ainda bem que ela só tinha de percorrer mais dois quarteirões a pé. Agora ia ter de apanhar o autocarro para o trabalho. O horroroso e gorduroso filho da mãe ia pagá-las. Uma estrela cadente explodiu e deixou no céu um rasto em forma de arco brilhante. Ela nem sequer reparou.

Nem o homem que a observava. Ele sabia que ela viria. Não lhe tinham dito para montar guarda? Não estava a sua cabeça, naquele preciso momento, quase a rebentar devido à pressão da Voz? Ele tinha sido escolhido, tinha recebido o fardo e a glória.

— *Dominus vobiscum* — murmurou ele, apertando com força nas mãos o tecido suave do amicto.

E quando concluiu a sua missão, sentiu a exaltação do poder. O seu baixo-ventre parecia explodir. O sangue zunia. Ele estava purificado. E agora, ela também. Lenta e delicadamente, passou com o polegar pela testa, pelos lábios e pelo coração dela, desenhando o sinal da cruz. Deu-lhe absolvição, mas rapidamente. A Voz tinha-o avisado de que muitos não compreenderiam a pureza do trabalho que ele realizava.

Deixou o corpo da rapariga nas sombras e prosseguiu o seu caminho com os olhos brilhantes de lágrimas de alegria e loucura.

— A imprensa não nos larga por causa deste caso. — O comandante Harris bateu com um punho no jornal aberto sobre a sua mesa. — Toda a cidade está em pânico. Quando eu descobrir quem passou a informação sobre o padre para a imprensa…

Calou-se e ficou pensativo. Não era frequente ficar tão perto de perder o controlo. Podia passar o dia sentado a uma secretária, mas era um agente da polícia, e dos bons, pensou para com os seus botões. Um bom agente não se descontrolava. Para ganhar algum tempo, dobrou o jornal e deixou o olhar deambular pelos outros agentes presentes na sala. Agentes de excelência, admitiu Harris. Não teria admitido menos que isso.

Ben Paris estava sentado ao canto da mesa, a brincar com um pisa-papéis de acrílico. Harris conhecia-o suficientemente bem para compreender

que Ben gostava de ter alguma coisa nas mãos quando estava a pensar. Jovem, mas com dez anos de experiência na polícia, refletiu Harris. Um agente competente, se bem que um pouco desleixado com as normas. As duas menções elogiosas por ato de coragem tinham sido bem merecidas. Quando as coisas estavam menos tensas, Harris até achava piada ao facto de Ben parecer a versão escrita de Hollywood de um agente secreto: rosto fino, ossatura forte, moreno e musculado. O cabelo dele era farto e demasiado comprido para ser convencional, mas era cortado num dos pequenos salões de luxo de Georgetown. Tinha olhos verdes-claros que não deixavam escapar o que era importante.

Numa cadeira, e noventa centímetros de pernas estendidas à sua frente, estava Ed Jackson, parceiro de Ben. Com um metro e noventa e oito de altura e cento e dez quilos de peso, conseguia habitualmente intimidar um suspeito só com a sua presença. Quer por capricho, ou por estilo, usava uma barba densa tão ruiva como a guedelha aos caracóis. Os olhos eram azuis e simpáticos. Com o seu revólver calibre 38, era capaz de acertar na águia de uma moeda de vinte e cinco centavos a quarenta e cinco metros de distância.

Harris pôs o jornal de lado, mas não se sentou. — Que tens para mim?

Ben lançou o pisa-papéis de uma mão para a outra antes de o pousar. — Para além da constituição física e da cor da pele, não há ligação entre as duas vítimas. Não tinham amigos em comum, não frequentavam os mesmos lugares. Tens uma ideia geral sobre a Carla Johnson. A Barbara Clayton trabalhava numa *boutique*, era divorciada e não tinha filhos. A família vive em Maryland, são operários fabris. Ela namorou com alguém até há três meses. A coisa esmoreceu, ele mudou-se para Los Angeles. Estamos a investigá-lo, mas parece não haver nada a registar.

Tirou um cigarro do bolso e reparou no olhar do parceiro.

— É o sexto — disse Ed com descontração. — O Ben está a tentar fumar menos de um maço por dia — explicou ele, continuando depois ele próprio com o relatório. — Barbara Clayton passou a noite num bar em Wisconsin. Uma espécie de programa só para mulheres, com uma amiga que trabalhava com ela. A amiga diz que ela saiu por volta da uma. O carro dela foi encontrado avariado a alguns quarteirões do local do crime. Parece que ela andava a ter problemas com a transmissão. Aparentemente, decidiu fazer o resto do caminho a pé. O apartamento dela fica apenas a cerca de um quilómetro e meio de distância.

— As únicas coisas que as vítimas tinham em comum era o facto de serem ambas louras e do sexo feminino. — Ben aspirou profundamente o fumo, deixou-o encher-lhe os pulmões e depois libertou-o. — Agora estão mortas.

Nesta jurisdição, pensou Harris, levando a coisa a peito. — A arma do crime é o lenço do padre.

— Amicto — corrigiu Ben. — Não parecia muito difícil identificarmos a origem. O nosso sujeito usa a melhor… seda.

— Ele não o arranjou na cidade — continuou Ed. — Pelo menos, não no último ano. Verificámos todas as lojas de artigos religiosos e todas as igrejas. Obtive informações sobre três lojas em Nova Inglaterra que vendem aquele tipo.

— Os bilhetes foram escritos em papel disponível em qualquer loja banal — acrescentou Ben. — Não há como saber onde o obteve.

— Por outras palavras, vocês não têm nada.

— Por quaisquer palavras, — Ben sorveu mais fumo, — não temos nada.

Harris estudou cada um dos homens em silêncio. Podia preferir que Ben usasse gravata, ou que Ed aparasse a barba, mas essa era uma questão de gosto pessoal. Eram os seus melhores homens. Paris, com o charme descontraído e a despreocupação aparente, tinha os instintos de uma raposa e a mente tão afiada como um punhal. Jackson era tão meticuloso e eficiente como uma tia solteirona. Para ele, um caso era como um *puzzle*, e nunca se cansava de tentar encaixar as peças.

Harris inalou o fumo do cigarro de Ben e depois lembrou a si mesmo que tinha deixado de fumar para o seu próprio bem. — Voltem lá e falem de novo com toda a gente. Façam um relatório sobre o antigo namorado da Barbara Clayton e as listas de clientes das lojas de artigos religiosos. — Olhou novamente de relance para o jornal. — Quero apanhar este tipo.

— O Padre — murmurou Ben ao ler a manchete. — A imprensa gosta sempre de dar títulos aos psicopatas.

— E muita cobertura — acrescentou Harris. — Vamos tirá-lo das manchetes e pô-lo atrás das grades.

Com a mente um pouco nublosa depois de uma longa noite a tratar de papelada, a doutora Teresa Court bebericava café e folheava o *Post*. Uma semana inteira depois do segundo assassinato e o Padre, como a imprensa o denominava, continuava à solta. Ela não pensava que ler acerca dele fosse a melhor maneira de começar o dia, mas ele interessava-lhe do ponto de vista profissional. Ela não era indiferente à morte de duas jovens, mas tinha sido treinada para olhar para os factos e fazer o diagnóstico. A sua vida tinha sido dedicada a isso.

Profissionalmente, a sua vida era invadida por problemas, dor, frustrações. Para compensar, ela mantinha o seu mundo privado organizado e simples. Como tinha crescido com o amparo do dinheiro e da educação, via a

gravura de Matisse pendurada na parede e o cristal *Baccarat* em cima da mesa como uma coisa natural. Preferia linhas simples e tons pastel, mas de vez em quando sentia-se atraída por algo dissonante, como o óleo abstrato em pinceladas vívidas e cores berrantes por cima da sua mesa. Ela compreendia a necessidade que tinha do agreste, tanto quanto do suave, e estava satisfeita. Uma das suas principais prioridades era manter-se satisfeita.

Como o café já estava frio, ela desviou-o para o lado. Um instante depois, desviou também o jornal. Quem lhe dera saber mais sobre o assassino e as vítimas, ter todos os pormenores. Depois lembrou-se do velho ditado que diz para se ter cuidado com o que se deseja, porque se pode consegui-lo. Olhou de relance para o relógio e levantou-se da mesa. Não tinha tempo para matutar sobre um artigo de jornal. Tinha pacientes para receber.

As cidades a leste encontram o auge do seu esplendor no outono. O verão assa-as, o inverno deixa-as atoladas e sujas, mas o outono dá-lhes uma explosão de cor e dignidade.

Às duas horas da manhã de um dia frio de outubro, Ben Paris despertou subitamente. Não valia de nada perguntar-se o que lhe teria perturbado o sono e o interessante sonho envolvendo três louras. Levantou-se nu da cama, avançou calmamente até à cómoda e procurou os cigarros às apalpadelas. Vinte e dois, contou em silêncio.

Acendeu um, deixando o familiar sabor amargo preencher-lhe a boca antes de se dirigir para a cozinha para fazer café. Acendeu apenas a lâmpada fluorescente acima do fogão e manteve-se atento às baratas. Nada deslizou para dentro das fendas. Ben ligou o lume debaixo da cafeteira e pensou que a última exterminação ainda estava a surtir efeito. Quando estendeu a mão para pegar numa chávena, desviou a correspondência de dois dias que estava ainda por abrir.

Sob a áspera luz da cozinha, o seu rosto tinha um aspeto duro, até perigoso. Mas, também, ele estava a pensar em homicídio. O seu corpo nu era flexível e esguio, com uma magreza que poderia ter um aspeto doentio, não fossem as subtis elevações dos músculos.

O café não iria mantê-lo acordado. Quando a mente estivesse pronta para descansar, o seu corpo faria simplesmente o mesmo. Tinha-se treinado para isso em inúmeras operações de vigilância.

Uma esquelética gata cinzenta-escura saltou para cima da mesa e fitou-o enquanto ele bebericava e fumava. Ao reparar que ele estava distraído, a gata desistiu da ideia de um pires de leite tardio e sentou-se a lavar-se.

Estavam tão perto de encontrar o assassino como na tarde em que o primeiro corpo tinha sido descoberto. Se haviam encontrado alguma coisa remotamente semelhante a uma pista, esta tinha-se evaporado depois do trabalho de investigação no terreno. Beco sem saída, refletiu Ben. Zero. Nada.

Claro que tinham tido cinco confissões num só mês. Todas de mentes perturbadas que ansiavam por atenção. Vinte e seis dias passados sobre o segundo homicídio e não tinham chegado a lado nenhum. E, a cada dia que passava, ele sabia que o rasto ficava cada vez mais frio. À medida que a imprensa perdia o interesse, as pessoas começavam a relaxar. Ele não gostava disso. Acendendo um cigarro na ponta do outro, Ben pensava em calmaria antes da tempestade. Olhou para a noite fria iluminada por uma meia-lua, absorto em pensamentos.

O Doug's ficava apenas a oito quilómetros do apartamento de Ben. O pequeno clube noturno estava agora escuro. Os músicos já se tinham ido embora e as bebidas entornadas haviam sido limpas. Francie Bowers saiu pela porta das traseiras e vestiu uma camisola. Os pés doíam-lhe. Depois de seis horas em cima de uns saltos de dez centímetros, os dedos dos pés estavam com cãibras dentro dos ténis. Ainda assim, as gorjetas tinham valido a pena. O trabalho como empregada de bar podia obrigá-la a estar de pé, mas quando se tinha boas pernas — e ela tinha —, as gorjetas abundavam.

Mais algumas noites como aquela e talvez conseguisse dar entrada para o pequeno VW, refletiu. Acabavam-se as confusões no autocarro. Para si, seria o paraíso.

Sentiu uma pontada de dor na planta do pé. Estremecendo, Francie olhou para o beco. Por ali atalhava o caminho em cerca de meio quilómetro. Mas estava escuro. Deu mais dois passos em direção à rua iluminada e desistiu. Escuro, ou não, ela não ia dar mais um passo do que o necessário.

Ele tinha estado bastante tempo à espera. Mas tinha a certeza. A Voz dissera que um dos perdidos lhe seria enviado. Ela aproximava-se rapidamente, como se estivesse ansiosa pela salvação. Há dias que ela rezava por ela, pela purificação da sua alma. Agora estava a chegar a hora do perdão. Ele era apenas um instrumento.

O turbilhão começou na sua cabeça e espalhou-se pelo seu corpo. O poder apoderou-se dele. Nas sombras, rezou até ela se aproximar.

Foi rápido, bem como misericordioso. Quando enrolou o amicto à volta do pescoço dela, ela teve apenas um instante para arfar antes de ele o apertar com força. Ela soltou um pequeno gemido quando o ar lhe foi cortado.

Invadida pelo terror, ela deixou cair o saco de lona e agarrou-se ao amicto com ambas as mãos.

Por vezes, quando o seu poder era grandioso, ele podia deixá-las ir rapidamente. Mas o mal que havia dentro dela era forte e desafiava-o. Os dedos dela puxaram a seda e de seguida cravaram-se com força nas luvas que ele usava. Quando ela tentou afastar-se com pontapés, ele levantou-a do chão, mas ela continuou a espernear. Um dos pés bateu numa lata e projetou-a ruidosamente. O barulho ecoou dentro da cabeça dele até ele quase gritar.

Então o corpo dela amoleceu e as lágrimas no rosto dele secaram com o ar outonal. Ele pousou-a delicadamente no asfalto e absolveu-a na língua antiga. Depois de prender o bilhete na camisola dela, abençoou-a.

Ela estava em paz. E, por agora, ele também.

— Não há qualquer razão para nos matares com a pressa de lá chegares. — O tom de voz de Ed era calmo quando Ben fez a curva com o *Mustang* a oitenta quilómetros por hora. — Ela já está morta.

Ben reduziu a velocidade e virou à direita. — Foste tu quem destruiu o último carro. O *meu* último carro — acrescentou sem demasiada malícia. — Ainda só tinha feito cento e vinte mil quilómetros.

— Perseguição a alta velocidade — balbuciou Ed.

O *Mustang* trepidou ao passar por cima de uma elevação, lembrando Ben de que era sua intenção verificar os amortecedores.

— E não te matei.

— Contusões e cortes. — Depois de passar por um sinal amarelo, Ben meteu a terceira. — Contusões e cortes múltiplos.

Ed sorriu ao recordar. — Apanhámo-los, não apanhámos?

— Estavam inconscientes. — Ben travou repentinamente junto à berma e enfiou as chaves no bolso. — E eu precisei de cinco pontos no braço.

— Resmungão, resmungão, resmungão. — Com um bocejo, Ed saiu do carro para o passeio.

Era quase madrugada e estava suficientemente frio para uma pessoa conseguir ver a própria respiração, mas já se formava um ajuntamento. Encolhido dentro do casaco, e desejoso por um café, Ben abriu caminho por entre os curiosos até ao beco interditado com faixas da polícia.

— Intrigante. — Anuindo com a cabeça para o fotógrafo policial, Ben olhou para a vítima número três.

Ele calculava que ela tivesse uns vinte e seis, vinte e oito anos. A camisola era de poliéster barato, e as solas dos ténis estavam bastante desgastadas.

Usava uns brincos pendentes banhados a ouro. O rosto era uma máscara de maquilhagem que não combinava com a camisola e as calças de bombazina baratas.

Acendeu o seu segundo cigarro do dia enquanto ouvia o relato do agente policial uniformizado ao seu lado.

— Um vagabundo encontrou-a. Nós enfiámo-lo num carro-patrulha para ele recuperar a sobriedade. Parece que andava a vasculhar lixo quando se deparou com ela. Ficou apavorado, por isso saiu do beco a correr e quase entrou diretamente no meu carro.

Ben anuiu com a cabeça enquanto observava o bilhete de caligrafia cuidada preso à camisola. Frustração e fúria percorreram-no tão rapidamente que quando a aceitação se instalou, mal foram notadas. Ed baixou-se e pegou no grande saco de lona que ela tinha deixado cair. Uma mão-cheia de bilhetes de autocarro saltou do interior.

Ia ser um dia longo.

Seis horas depois, entraram na esquadra. O Departamento de Homicídios não tinha o mesmo *glamour* sórdido do de Combate ao Jogo, Prostituição e Narcóticos, mas era quase tão limpo e arrumado como as esquadras dos subúrbios. Dois anos antes, as paredes tinham sido pintadas num tom que Ben chamava de bege de apartamento. Os ladrilhos que cobriam o chão transpiravam no verão e retinham o frio no inverno. Independentemente do quão diligentes fossem os serviços de limpeza, com desinfetantes e panos de pó, as salas cheiravam continuamente a fumo, a borras de café molhadas e a suor. Era verdade que tinham juntado dinheiro na primavera e encarregado um dos detetives de comprar algumas plantas para colocar nos parapeitos das janelas. Estas não estavam a morrer, mas também não floresciam.

Ben passou por uma secretária e anuiu com a cabeça para o detetive Lou Roderick, que estava a datilografar um relatório. Aquele era um agente que encarava com perseverança os seus casos, como um contabilista encara os impostos sobre sociedades.

— O Harris quer falar contigo — disse-lhe Lou e, sem erguer os olhos, conseguiu transmitir alguma solidariedade. — Acabou de chegar de uma reunião com o presidente da Câmara. E parece-me que a Lowenstein tem um recado para ti.

— Obrigado. — Ben olhou para a barra de *Snickers* sobre a mesa de Roderick. — Eh, Lou…

— Esquece. — Roderick continuou a datilografar o seu relatório sem quebrar o ritmo.

— Que rica irmandade esta… — resmungou Ben, e dirigiu-se à mesa de Lowenstein.

Ela era completamente diferente de Roderick, refletiu Ben. Trabalhava por vagas, para e arranca, e sentia-se mais confortável nas ruas do que sentada à frente de uma máquina de escrever. Ben respeitava a precisão de Lou, mas teria preferido Lowenstein como parceira, cujos fatos adequados e vestidos elegantes não escondiam o facto de ter as melhores pernas do departamento. Ben olhou de relance para elas antes de se sentar no canto da secretária dela. Era uma pena ser casada, pensou.

Remexeu indolentemente na papelada dela enquanto esperava que ela terminasse o telefonema. — Como vai isso, Lowenstein?

— O triturador de lixo da pia da cozinha está a expelir tudo para cima e o canalizador está a pedir trezentos dólares, mas não tem importância porque o meu marido vai repará-lo. — Enfiou um formulário na máquina de escrever. — Assim só nos irá custar o dobro. E tu? — Com uma palmada, afastou a mão dele da *Pepsi* que estava em cima da mesa. — Alguma novidade sobre o nosso Padre?

— Só um cadáver. — Se havia mordacidade, era difícil de detetar. — Alguma vez foste ao Doug's, lá em baixo, perto do Canal?

— Não tenho a tua vida social, Paris.

Ele bufou rapidamente e depois pegou numa caneca larga que continha os lápis dela. — Ela trabalhava lá como empregada de bar. Tinha vinte e sete anos.

— Não te vale de nada deixares-te perturbar com isso — murmurou ela e, quando viu a cara dele, passou-lhe a *Pepsi*. Uma pessoa ficava sempre perturbada. — O Harris quer falar contigo e com o Ed.

— Pois, eu sei. — Bebeu um longo gole, deixando o açúcar e a cafeína inundarem-lhe o organismo. — Tens um recado para mim?

— Tenho, sim. — Com um sorriso afetado, ela vasculhou os papéis até o encontrar. — A Bunny telefonou. — Como a voz aguda e aspirada que fez não suscitou qualquer reação da parte dele, lançou-lhe um olhar malicioso e entregou-lhe o papel. — Ela quer saber a que horas vais buscá-la. Ela pareceu-me muito querida, Paris.

Ele guardou o papel no bolso e sorriu com ironia. — Ela é realmente querida, Lowenstein, mas eu deixava-a, num piscar de olhos, se quisesses trair o teu marido.

Quando ele saiu sem lhe devolver a bebida, ela riu-se e continuou a datilografar o formulário.

— Vão transformar o meu apartamento em condomínio privado. — Ed desligou o telefone e dirigiu-se com Ben para o gabinete de Harris. — Cinquenta mil. Meu Deus!

— Tem má canalização. — Ben bebeu o resto da *Pepsi* e atirou a lata para dentro de um cesto de lixo.

— Pois. Tens alguma vaga em tua casa?

— Ninguém sai de lá, a não ser morto.

Através da ampla janela de vidro do gabinete de Harris, viram o comandante de pé, junto à mesa, a falar ao telefone. Estava em boa forma, para um homem de cinquenta e sete anos que tinha passado os últimos dez atrás de uma secretária. Tinha demasiada força de vontade para se deixar engordar. O primeiro casamento sucumbira por causa da profissão, o segundo por causa da bebida. Harris tinha desistido da bebida e do casamento, e agora a profissão ocupava o lugar de ambos. Os agentes do seu departamento não gostavam necessariamente dele, mas respeitavam-no. Harris preferia que assim fosse. Levantou os olhos e fez sinal para que ambos os homens se sentassem.

— Quero os resultados laboratoriais antes das cinco. Se havia um pedaço de fio na camisola dela, eu quero saber de onde veio. Façam o vosso trabalho. Deem-me algo com que trabalhar para eu poder fazer o meu. — Quando desligou, dirigiu-se à cafeteira e serviu-se de um café. Cinco anos depois, ele continuava a ansiar que fosse *whisky*. — Digam-me tudo o que sabem sobre a Francie Bowers.

— Ela andava a servir às mesas no Doug's há praticamente um ano. Mudou-se da Virgínia para D.C. em novembro passado. Vivia sozinha num apartamento no noroeste da cidade. — Ed mudou o pé de apoio e verificou o caderno de apontamentos. — Casou-se duas vezes, nenhuma das quais durou mais de um ano. Estamos a investigar os dois ex-maridos. Trabalhava de noite e dormia durante o dia, por isso os vizinhos não sabem muito acerca dela. Saiu do emprego à uma. Segundo parece, atalhou pelo beco a caminho da paragem do autocarro. Não tinha carro.

— Ninguém ouviu nada — acrescentou Ben. — Nem viu nada.

— Perguntem novamente — disse simplesmente Harris. — E descubram alguém que tenha ouvido ou visto alguma coisa. Alguma novidade sobre a número um?

Ben não gostava de tratar as vítimas por números e enfiou as mãos nos bolsos. — O namorado da Carla Johnson está em Los Angeles. Fez um pequeno papel numa telenovela. Não há nada a registar. Parece que ela tinha tido uma discussão com um outro estudante na véspera do dia em que foi assassinada. As testemunhas dizem que os ânimos estavam bastante exaltados.

— Ele admitiu — continuou Ed. — Parece que tinham saído alguma vezes e que ela não estava interessada.

— Álibi?

— Afirma que se embebedou e que foi para a cama com uma caloira. — Encolhendo os ombros, Ben sentou-se no braço de uma cadeira. — Estão noivos. Podemos chamá-lo outra vez para prestar depoimento, mas nenhum de nós acredita que ele esteja envolvido. Não tem qualquer ligação com a Barbara Clayton, nem com a Francie Bowers. Quando o investigámos, descobrimos que o miúdo é um típico estudante americano de uma família de classe média-alta. Especialista em atletismo de pista. É mais provável que o Ed seja um psicótico, do que aquele estudante universitário.

— Obrigado, parceiro.

— Bem, de qualquer modo, investiguem-no outra vez. Como se chama ele?

— Robert Lawrence Dors. Tem um *Honda Civic* e veste polos. — Ben tirou um cigarro do bolso. — Sapatos de vela brancos, sem meias.

— O Roderick vai buscá-lo.

— Espera aí…

— Vou destacar um grupo de trabalho para este caso — disse Harris, interrompendo Ben. Serviu-se de uma segunda chávena de café. — O Roderick, a Lowenstein e o Bigsby vão trabalhar convosco. Quero apanhar este tipo antes que ele mate mais uma mulher que por acaso esteja a caminhar sozinha. — A voz dele mantinha-se branda, sensata e determinada. — Tens algum problema com isso?

Ben dirigiu-se a passos largos para a janela e olhou para o exterior. Era pessoal, e ele sabia disso. — Não, todos nós queremos apanhá-lo.

— Incluindo o presidente da Câmara — acrescentou Harris com uma pequena ponta de mordacidade. — Ele quer poder dar algo de positivo à imprensa no final da semana. Vamos chamar uma psiquiatra para nos dar um perfil.

— Uma psiquiatra? — Com uma risadinha, Ben virou costas. — Ora, comandante.

Como Harris também não estava satisfeito com o assunto, a sua voz tornou-se fria. — A doutora Court concordou em colaborar connosco, a pedido do presidente da Câmara. Não sabemos como ele é fisicamente, talvez esteja na hora de descobrirmos como pensa. A esta altura dos acontecimentos, — acrescentou ele, olhando firmemente para os dois, — eu estava disposto a olhar para uma bola de cristal, se só assim conseguíssemos obter alguma pista. Estejam cá às quatro.

Ben ia abrir a boca, mas reparou no olhar de alerta de Ed. Sem dizer palavra, retiraram-se a passos largos. — Talvez fosse melhor chamarmos um médium — resmungou Ben.

— Mente tacanha.

— Realista.

— A mente humana é um mistério fascinante.

— Andaste a ler outra vez.

— E os que são treinados para a compreender podem abrir portas que os leigos não conseguem.

Ben suspirou e atirou a ponta do cigarro para o chão do parque de estacionamento quando saíram do edifício. — Merda.

— Merda — resmungou Tess quando olhou pela janela do seu gabinete. Havia duas coisas que não tinha vontade nenhuma de fazer naquele momento. A primeira era ter de enfrentar o trânsito com o frio e a chuva forte que tinha começado a cair. A segunda era envolver-se com os assassinatos que atormentavam a cidade. Ela ia ter de fazer a primeira porque o presidente da Câmara e o avô a tinham pressionado para fazer a segunda.

Ela já tinha muito trabalho em mãos. Podia ter recusado, educada ou até apologeticamente, o pedido do presidente da Câmara. O avô era outra história. Quando estava na presença dele, nunca se sentia a doutora Tess Court. Cinco minutos depois, já não tinha um metro e sessenta e cinco, nem corpo de mulher, nem um diploma emoldurado a preto atrás de si. Era de novo uma menina magricela de doze anos, dominada pela personalidade do homem que mais amava no mundo.

Ele tinha feito de tudo para ela conseguir o tal diploma emoldurado a preto, não tinha? Com a sua convicção, pensou ela, com o apoio e a enorme confiança que depositara nela. Como podia ela dizer não, quando ele lhe pedia para usar a sua perícia? Porque tratar dos casos que tinha atualmente em mãos a ocupava dez horas por dia. Talvez tivesse chegado a hora de deixar de ser teimosa e arranjar uma assistente.

Tess olhou para o gabinete, com as suas antiguidades e aguarelas cuidadosamente selecionadas. Era seu, pensou. Cada pedacinho. E olhou de relance para o alto arquivo em carvalho fabricado em 1920. Estava cheio de dossiês com os seus casos clínicos. Eram seus também. Não, ela não ia arranjar nenhuma assistente. Daí por um ano completaria trinta anos. Tinha os seus pacientes, o seu consultório e os seus problemas. E era assim que desejava continuar.

Tirou do armário a gabardina debruada a pelo e vestiu-a. Talvez pudesse ajudar a polícia a encontrar o homem que inundava as manchetes dia após dia. Podia ajudar a encontrá-lo e a detê-lo para, por sua vez, ele poder receber a ajuda de que precisava.

Pegou na mala e na pasta, que estava a transbordar de dossiês para serem analisados naquela noite. — Kate. — Ao sair para a receção, Tess levantou a gola. — Vou agora falar com o comandante Harris. Não me incomodes a não ser que seja alguma coisa urgente.

— Devia levar um gorro — disse a rececionista.

— Tenho um no carro. Até amanhã.

— Conduza com cuidado.

Já a pensar noutra coisa, atravessou a porta enquanto procurava as chaves do carro. Talvez pudesse ir buscar comida chinesa a caminho de casa e ter um jantar descansado antes…

— Tess!

Mais um passo e teria chegado ao interior do elevador. A resmungar baixinho, Tess virou-se e fez um sorriso forçado. — Frank. — E tinha conseguido tão bem evitá-lo durante quase dez dias.

— És difícil de apanhar.

Avançou a passos largos ao encontro dela. Impecável. Era essa a palavra que ocorria sempre a Tess quando via o doutor F. R. Fuller. Imediatamente antes de chato. O fato dele era um *Brooks Brothers* cinzento-pérola e a gravata às riscas tinha laivos dessa cor e do rosa-bebé da camisa *Arrow*. O cabelo estava perfeita e conservadoramente penteado. Ela esforçou-se bastante para o sorriso não lhe fugir. Não era culpa de Frank ela não simpatizar com a perfeição.

— Tenho andado ocupada.

— Sabes o que dizem: trabalhar sem descanso…

Ela cerrou os dentes para evitar dizer «não, o que dizem?». Ele limitar-se-ia a rir e a dizer o resto do cliché. — Vou ter de arriscar. — Premiu o botão para descer e esperou que o elevador chegasse rapidamente.

— Mas hoje estás a sair cedo.

— Tenho um compromisso fora. — Olhou propositadamente para o relógio. Ainda tinha algum tempo. — Estou um bocado atrasada — mentiu sem hesitar.

— Tenho tentado falar contigo. — Frank apoiou a palma da mão na parede e inclinou-se sobre ela. Mais um dos hábitos dele que Tess detestava. — Não deveria ser difícil, já que os nossos consultórios ficam um ao lado do outro.

Onde diabo estava um elevador quando uma pessoa precisava dele? — Sabes como são os horários, Frank.

— De facto, sei. — Exibiu o sorriso de anúncio a pasta de dentes e ela perguntou-se se ele pensaria que a sua água de colónia estaria a enlouquecê-la. — Mas todos nós precisamos de descansar de vez em quando, certo, doutora?

— À nossa maneira.

— Tenho bilhetes para a peça do Noël Coward no Kennedy Center amanhã à noite. E se relaxássemos juntos?

A última, e única, vez que ela tinha concordado em relaxar com ele, mal tinha conseguido escapar com roupa. Pior, antes do ataque, ela tinha passado três horas insuportavelmente entediantes. — É simpático da tua parte pensares em mim, Frank. — Uma vez mais, ela mentiu sem hesitação. — Lamento, mas amanhã já tenho um compromisso.

— E se nós…

As portas abriram-se. — Ups, estou atrasada! — Dirigiu-lhe um sorriso alegre e entrou no elevador. — Não trabalhes de mais, Frank. Sabes o que se costuma dizer.

Por causa da chuva torrencial e do trânsito, ela gastou praticamente todo o tempo de sobra que tinha na viagem de carro até à esquadra. Por estranho que parecesse, a batalha de meia hora deixou-a bastante animada. Provavelmente, pensou ela, por ter conseguido livrar-se tão facilmente de Frank. Se tivesse tido coragem, coisa que não tinha, ter-lhe-ia simplesmente dito que ele era um idiota e ponto final. Até ele abusar das investidas, ela iria recorrer a tática e desculpas.

Pegou num chapéu de feltro e enfiou-o na cabeça, prendendo o cabelo. Olhou-se no espelho retrovisor e franziu o nariz. Não lhe valia de nada ajeitar-se agora. A chuva estragaria tudo e seria uma perda de tempo. Contudo, decerto haveria uma casa de banho para senhoras no interior da esquadra, onde ela pudesse retocar-se e sair com um ar digno e profissional. Por enquanto, iria simplesmente aparecer molhada.

Tess abriu a porta do carro, agarrou no chapéu com uma mão e correu em direção ao edifício.

— Olha para aquilo. — Ben parou o parceiro a caminho da esquadra. Observaram, indiferentes à chuva, Tess saltar por cima de poças.

— Belas pernas — comentou Ed.

— Raios. São melhores que as da Lowenstein.

— Talvez. — Ed refletiu por um instante. — É difícil perceber com esta chuva.

Ainda a correr, de cabeça baixa, Tess subiu apressadamente os degraus e esbarrou contra Ben. Ele ouviu-a praguejar antes de a segurar pelos ombros e de a afastar o suficiente para olhar para o seu rosto.

Valia a pena a molha.

Elegante. Mesmo com a chuva a escorrer-lhe pela cara, Ben pensou em elegância. As maçãs do rosto eram bem vincadas, o suficiente para o fazer pensar em raparigas vikings. A boca, suave e molhada, fazia-o pensar noutras coisas. A pele era clara, com um suave tom róseo. Mas foram os olhos que o fizeram esquecer o comentário oco que tencionara verbalizar. Eram grandes, com uma expressão fria e ligeiramente irritada. E eram violeta. Ele pensara que a cor tinha sido reservada para Elizabeth Taylor e flores silvestres.

— Desculpe — disse finalmente Tess quando recuperou o fôlego. — Não o vi.

— Não. — Ele queria continuar a fitá-la, mas conseguiu controlar-se. Tinha a mítica reputação de mulherengo. Exagerada, mas baseada em factos. — À velocidade que vinha, não estou surpreendido. — Era uma sensação boa segurá-la, ver a chuva prender-se nas pestanas. — Eu podia detê-la por agressão a um agente da autoridade.

— A senhora está a molhar-se — murmurou Ed.

Até àquele momento, Tess só tinha reparado no homem que a segurava e a fitava como se ela tivesse aparecido do nada. Desviou então o olhar, levantou a cabeça e deparou-se com um gigante molhado de olhos azuis divertidos e uma juba de cabelo ruivo a pingar. Seria aquilo uma esquadra de polícia ou um conto de fadas?

Ben manteve uma mão no braço dela enquanto abria a porta. Ia deixá-la entrar, mas não a ia deixar escapar. Ainda não.

Já no interior, Tess olhou de novo para Ed, decidiu que ele era real e virou-se para Ben. Aquele também era. E continuava a segurar-lhe no braço. Divertida, ergueu uma sobrancelha. — Senhor agente, aviso-o desde já que se me prender por agressão, eu apresento queixa por brutalidade policial. — Quando ele sorriu, ela sentiu algo fazer clique. Então ele não era tão inofensivo como ela pensara. — Bem, agora se me der licença…

— Esqueça as queixas. — Ben manteve a mão no braço dela. — Se precisar de resolver alguma multa…

— Sargento…

— Detetive — corrigiu ele. — Ben.

— Detetive, eu posso até pensar nessa sua oferta numa outra ocasião, mas neste momento estou atrasada. Se me quiser ajudar…

— Estou aqui para servir os cidadãos.

— Então podia largar-me o braço e dizer-me onde posso encontrar o comandante Harris.

— O comandante Harris? Do Departamento de Homicídios?

Ela viu a surpresa, e a desconfiança, e sentiu o braço liberto. Intrigada, inclinou a cabeça e tirou o chapéu. O cabelo louro tombou-lhe sobre os ombros. — Exatamente.

Ben passou os olhos pela cascata de cabelos antes de voltar a olhar para a cara dela. Não encaixava, pensou. E ele desconfiava das coisas que não encaixavam. — Doutora Court?

Era sempre difícil responder com graça a rudeza e cinismo. Tess não se deu ao trabalho. — Acertou uma vez mais… detetive.

— Você é psiquiatra?

Ela fitou-o do mesmo modo. — Você é polícia?

Ambos poderiam ter acrescentado algo nada elogioso se Ed não tivesse desatado a rir às gargalhadas. — Terminou o primeiro *round* — disse ele com descontração. — O gabinete do Harris é um canto neutro. — Segurou Tess pelo braço e indicou-lhe o caminho.